



OS THEATROS: jornal de crítica ilustrado (Lisboa, 1895-1897) – Periódico ilustrado e especializado em teatro (do grego *theaomai* – olhar com atenção, perceber, contemplar, ter uma experiência intensa), vem a lume a 7 de novembro de 1895. O seu subtítulo define-o quanto aos conteúdos. É um jornal *fin de siècle* que **faz crítica ao universo teatral**: teatros, atores/representação, texto dramático, cenário e encenação. Insere-se naturalmente, na categoria: **Imprensa Artística**.

A sua única preocupação é a **imparcialidade crítica**, a qual é transversal aos seus 6 primeiros números (1895-1896) que agora disponibilizamos em suporte digital (na coleção da Hemeroteca Municipal de Lisboa, este título está incluído numa miscelânea)¹.

Este jornal não quer apresentar um programa editorial mas, num pequeno texto não assinado, na segunda página do seu número um e dirigido “AO PÚBLICO”, afirma-se pluralmente: “ não nos incomoda que as doutrinas expendidas n’ella agradem ou desagradem, pois **temos uma só lei – a consciência**, e como tal **declaramos que não aceitamos bilhetes das empresas exploradoras de teatros.**” Voltamos a encontrar este lema, como se fosse uma rubrica, num anúncio a bold, sem título, no n.º 2 (17 de novembro de 1895), agora com o nome plural individualizado: “**A redacção d’este jornal não aceita bilhetes das empresas exploradoras de teatros.**” Com o seguinte final: “**nem dos artistas dramáticos**”; aparece novamente no n.º 5 (19 de dezembro de 1895).

De conteúdo ainda mais abrangente, tropeçámos no texto “PREVENÇÃO”, no n.º 4 (8 de dezembro de 1895) que é repetido no n.º 6 (1 de janeiro de 1896) e que reproduzimos na íntegra: “A redacção deste periódico previne o público que **não pede nem aceita bilhetes de favor** nem das empresas teatrais nem dos artistas dramáticos, **pede mais**, a todos os artistas, empresários ou mais pessoas **a quem forem feitos pedidos de qualquer espécie em nome de qualquer dos redactores,o favor de avisarem esta redacção para proceder.**” [sublinhados nossos] Assina-o: “A REDACÇÃO”.

No espaço final de cada número vem a “Ficha Técnica”. Ao início, o título completo deste periódico, depois o “**Collaborador Artístico: Júlio Alves**”, seguido do “**Redactor-Gerente: Diamantino Leite**”. A terminar, e em letra de tamanho inferior, vem o “**Editor: Henrique Pinto do Amaral**”. Antes ainda temos os “**Preços: Série de 10 números ... 200 réis, Avulso ... 20 réis**” e

¹ Os *Theatros: jornal de crítica ilustrado* - encontra-se encadernado em 7.ª posição, com os títulos: *A Paródia: folha independente feita para toda a gente* (Lisboa, 1923); *Gil Braz: quinzenário ilustrado de Musica, Litteratura, Crítica, Theatros, Touros e Sport* (Lisboa, 1898-1904); *O Campeão: semanário de Litteratura, Crítica e de Sport* (Porto, 1899-1901); *A Galhofa: semanário humorístico* (Lisboa, 1900); *A Corja: semanário de Caricaturas* (Lisboa, 1898) e *A Marselheza: suplemento de caricaturas* (Lisboa, 1897-1898). Col. Hemeroteca Municipal de Lisboa (Oferta/Biblioteca Dulce Ferrão). Pesquisar em: <http://catalogolx.cm-lisboa.pt/#focus>

uma morada: “**Travessa de André valente, 13**” [a Sta. Catarina, em Lisboa], para onde toda a correspondência devia ser dirigida – informação separada de outra: “**Todos os assumptos relativos a este jornal são tratados com o redactor-gerente, na sua residência**” [a mesma]. E contém ainda: “A todas as pessoas que enviamos este jornal, pedimos a fineza da sua assignatura, e no caso contrário de nol-o devolver.” Estas duas últimas informações deixam de constar nos seus números 3 e seguintes.

O **cabeçalho ilustrado** deste jornal é, todo ele, constituído por uma gravura lindíssima, representando um camarote com 3 espectadores (um homem e duas mulheres), elegante e luxuosamente vestidos; incorpora o título e o subtítulo, incompleto, sem a palavra “ilustrado”. Por cima do seu subtítulo, ondula uma fita ao gosto *rocaille*, com o nome dos seguintes actores: *Lucinda Simões, Anna Pereira, Virgínia, Roza, Brazão, Taborda e Augusto Rosa*. A terminar a “Primeira Página”, ainda se lê o nome e a morada **da Lithografia²: Lith. Lusitana, F.^{al} de Baixo, 38 – Lisboa**.

A **primeira página** presenteia os seus leitores com outra litografia espetacular: o **retrato da atriz ou do ator homenageado, com uma cercadura** que inclui figuras e elementos representativos.

Chamamos agora a atenção para o papel dos actores porque eles são homenageados pelo seu mérito profissional, e também porque nas outras páginas eles são alvos preferenciais de crítica teatral, ora como protagonistas, ora integrados em companhias de teatro: “Os **actores** são sempre os **actualizadores da mensagem** no seu momento especificamente teatral e **sem eles o teatro não existe**. [...] O **actor/personagem** é originariamente portador de todos os *signos* próprios do **homem-emissor**, mas agora exacerbados por um trabalho intenso e que vai desenvolvendo: técnicas de **colocação de voz**, conhecimento e utilização dos **recursos corporais** e a própria técnica da **movimentação**. [...] A **expressão corporal** (mímica, gesto, movimento) e a sua **aparência exterior** (maquilhagem, penteado, vestuário)”³ – escreve o professor José Oliveira Barata (1948-) –, são sobrevalorizados, principalmente no fim do século XIX, quando aparece este jornal [sublinhados originais].

A **periodicidade** deste periódico é quase regular, publicando-se entre cada 10 e 13 dias. De referir que isto é muito importante para o seu público-assinante, devido ao teor crítico sobre as peças teatrais que, por períodos de tempo diferentes, se exibem nos teatros.

² **Litografia** – Do grego: lithos (pedra) e *graphein* (escrever). Nome da **oficina** onde se realiza esta **técnica de gravação** inventada em 1796/8 (?) por *Alois Senefelder* (1771-1834) em que uma “figura” é gravada em relevo e desenhada com lápis ou tinta gordurosa. Isto, sobre uma pedra ou uma lâmina de zinco, que depois vai à prensa com o papel. Esta invenção baseia-se na *repulsão* entre a água e as substâncias gordurosas e trouxe uma grande qualidade na produção artística-comercial. **Gravura impressa** ou ilustração numa publicação. Para saber mais: <http://www.tipografos.net/tecnologias/litografia.html>

³ BARATA, José Oliveira – “Actor”. In *História do Teatro Português* (Textos de Base n.º 21). Universidade Aberta. Lisboa: Litografia Amorim, 1991, p. 44.

CONTEXTO HISTÓRICO

A imprensa artística no reinado de D. Carlos, “o diplomata”, sofre a maior das influências política e social: **O Ultimatum** de 1890, bretão ou inglês. E transforma-se, por opção, no porta-voz da indignação portuguesa. A norte, em 1891, estalava o “**31 de Janeiro**” na cidade do Porto. Apesar de sufocado, este ataque à Monarquia Portuguesa mostra que as ideias republicanas avançavam nos meios urbanos operários. Mencionamos aqui, como curiosidade, que em 1890 a percentagem da população que se dedica aos trabalhos rurais é de 61,1% e a dos trabalhadores industriais é apenas de 18,4%. Mas esta última vai crescer, até ao fim do século XIX e no século seguinte, o XX.

Na Literatura do fim do século XIX a historiografia da arte dramática portuguesa inclui o *dramalhão histórico* mas, maioritariamente, **traduções de peças francesas**. No entanto, as academias de Lisboa e Paris consideravam que o *melodrama francês* era um género menor e ainda mais quando adaptado ao gosto do público urbano. O **melodrama** – drama moralista cantado ou entrecortado com música instrumental – “**cuja representação chegou a estar proibida nos teatros de primeira categoria**. Apesar de tais esforços, a dramaturgia romântica portuguesa não conseguiu vingar como escola independente, nem enfrentar a concorrência das traduções francesas, da *ópera italiana* e dos *espectáculos ligeiros* (opereta, zarzuela, mágicas de títeres, revistas [1850-], circo, touradas e festas ao ar livre). [...] No entanto, o **drama histórico** sobrevive, transformado, fundindo-se com o *drama de costumes* ou de caracteres, e pelo final do século renasce, como a novela histórica, muitas vezes em verso e **mais carregado de saudosismo poético**”⁴ – assunto criteriosamente abordado na obra *História da Literatura Portuguesa*, de Óscar Lopes e António José Saraiva.

ESTRUTURA GRÁFICA

Individualmente, cada um dos números deste jornal é composto por duas folhas de papel, dobradas ao meio (perfazendo 4 páginas), em dimensão de cerca de 40 cm de altura. A estrutura gráfica das suas páginas é a da divisão **a três colunas**, com a numeração iniciada em cada novo número. De diferente estrutura é apenas a sua primeira página, cujo espaço central é ocupado por um retrato de uma atriz/ator, acompanhado à direita pelo respetivo texto apologético de cariz biográfico (por vezes, na página 2). Encontramos mais apontamentos artísticos e de *design* gráfico nos nomes de rubricas e textos, como: “**A Semana**”; “**As Companhias: o Teatro em 1984**”; “**Revista Theatral**”; “**Escola Realista e escola Romântica**”, etc.

CONTEÚDOS E COLABORAÇÃO

Este jornal conta com 7 colaboradores, além do seu editor. Apenas um deles é colaborador artístico; os outros seis são colaboradores literários.

⁴ SARAIVA, José, e LOPES, Óscar – “O *dramalhão histórico*”. In *História da Literatura Portuguesa* (8ª Edição, corrigida e atualizada). Porto: Porto Editora, Limitada, 1975, p. 822-824.

Todas as ilustrações, *design* e composição gráfica deste jornal crítico são brilhantemente desenhadas e realizadas por **Júlio Alves**, um artista que é hoje desconhecido, talvez porque se dedicava à litografia.

As biografias da primeira página ou não são assinadas ou são-no por dois colaboradores; referem-se aos atores: **“Lucinda Simões”** (não assinado, n.º 1); **“Anna Pereira”** (não assinado, n.º 2); **“Taborda”**, de Diamantino Leite (n.º 3); **“Eduardo Brazão no Hamlet”**, de C. Alves (n.º 4); **“Rosa Damasceno”**, de Diamantino Leite (n.º 5) e, **“Virgínia”**, de C. Alves (n.º 6).

Diferentes mas complementares são os conteúdos das **rubricas** deste jornal especializado em Teatro. Destacamos agora: **“A Semana”**, não assinada, pois é a única que é constante, iniciando-se sempre na página 2 de todos os números e que se subdivide em vários textos críticos encabeçados por nomes de teatros de Lisboa, em jeito de ronda jornalística. Só no primeiro número encontram-se: **“D. Maria”** onde se exhibia *Henrique III e a sua Corte* – **drama histórico** –, e se fala dos atores que a representaram; **“Trindade”**, teatro explorado por uma sociedade artística dirigida por um tal de Pedro Cabral, que levava à cena *A Comédia da Debutante* – **drama de costumes** –, com a atriz Lucinda do Carmo; **“D. Amélia”**, referente à contratação de E. Novelli, considerado o “1.º actor nacional” em Itália”; e **“Gymnásio”**, onde se criticava a peça *Alegrias da Paternidade* – **melodrama** –, cuja *première* tinha sido há 16 dias atrás, em 1 de Novembro de 1895, depois da comédia *Fausto e Margarida*. No seu segundo número, encontramos referências a outros teatros de Lisboa: **“Rua dos Condes”** e **“Príncipe Real”**. Acrescentamos que todos estes teatros são várias vezes mencionados nos outros números deste jornal.

Outra rubrica: **“Theatro Estrangeiro”**, também não assinada e com início na página 3 (números 1 a 4) vai subdividir-se, mas agora em nome de atores da cena teatral: **“E. Novelli”** e **“Maria Guerreiro”** no primeiro número; **“V. Sardou”** e **“Sarah Bernardt”** têm direito a **retratos** litografados com assinatura de Júlio Alves no segundo número; no terceiro número, esta rubrica apresenta uma litografia de uma **cena** de uma peça, onde o **cenário é naturalista**, ou seja “trazia-se para o palco todo o tipo de objectos por forma a que a ilusão atingisse a máxima eficiência e o espectador confundisse a ficção com a realidade.”⁵

Ainda outra rubrica: **“Das Varandas”**, assinada pelo *Crítico das Varandas* (pseudónimo), tem o nome tão sugestivo quanto o conteúdo: a crítica incisiva, quase sátira através da anedota para tratar o tema da **decadência do teatro** (n.º1, pp. 3-4). Encontrámos ainda outro artigo do mesmo autor, escondido atrás do mesmo pseudónimo: **“A Scena Portuguesa: os novos e os velhos”** (n.º 2, p. 4).

As **Crónicas de teatro**, mais “jornalísticas” e de investigação teatral, que encontrámos, são: “As Companhias: o Theatro em 1984” (n.º 1, p. 4); “Escola Realista e Escola Romântica” (n.º 3, p. 4); “Alexandre Dumas” (n.º 4, p. 3); “

⁵ BARATA, José Oliveira – “Cenário”. In *História do Teatro Português* (Textos de Base n.º 21). Universidade Aberta. Lisboa: Litografia Amorim, 1991, p. 41.

Dumas Precursor” por E. Garcia Ladevese (n.º 6, p. 3); “Questão Theatral: companhias estrangeiras” assinado por C. A. (n.º 5, p. 2-3).

Textos mais pequenos, como: “**Memento**” (n.º 2, p. 4), “**Actualidades: Lucinda do Carmo**” (n.º 3, p. 4) e “**Necrologia**” (n.º 3 e n.º 6, p. 4) também fazem parte deste jornal.

Referimos ainda a crítica ao livro “**Coisas de Theatro de Souza Bastos**”, artigo não assinado mas proveniente da redação deste jornal, no qual se pode ler: “[...] Tudo tem o seu lugar, não somos tão pudicos que não aplaudamos a **Bella Chiquita no Colyseu**, mas **no theatro temos obrigação de exigir que nos não apresentem taes exhibiões**. Ou de consentil-as não se dê foros de autoridade a quam especula com ellas no teatro. O livro do Sr. Sousa Bastos é **uma imitação do livro (Les Abus de theatre) de Alphonse Lemonnier [...]**” (n.º 5, p. 4).

E concluímos com um pequeno comentário referente a este livro, pois ele deu origem à edição de outro livro: **Loizas de Theatro** de Santos **Gonçalves**, que é uma réplica daquele. Ora um livro sobre teatro ter uma réplica é sinal de que o teatro representado era muito importante na sociedade portuguesa do século XIX, como *fazedor de opiniões*, principalmente porque tinha muito público que esgotava as sessões das várias salas de Lisboa que então exibiam géneros diferentes de peças teatrais.

Por M. Helena Roldão

Lisboa, HML, 25 de Março de 2013

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BARATA, José Oliveira – *História do Teatro Português* (Textos de Base n.º 21). Universidade Aberta. Lisboa: Litografia Amorim, 1991.

SARAIVA, José, e LOPES, Óscar – *História da Literatura Portuguesa* (8ª Edição, corrigida e atualizada). Porto: Porto Editora, Limitada, 1975.

RAFAEL, Gina Guedes, e SANTOS, Manuela (coord. e org.) – *Jornais e Revistas Portugueses do Séc. XIX*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1889- 2002.

FARIA, Maria Isabel, e PERICÃO, Maria da Graça – *Dicionário do Livro: da escrita ao livro electrónico*. Coimbra: Edições Almedina, SA, 2008.